TRÊS PERGUNTAS // KLEBER MENDONÇA FILHO, CINEASTA

O diretor Kleber Mendonça Filho, ao lado da atriz Rossy de Palma, no Festival de Cannes

Há carga de excelente aceitação de O agente secreto, mundo afora. Como se comunicou tão bem?

Eu faço filmes que são brasileiros. Tenho tido a sorte de vê-los sendo apresentados no mundo inteiro, seja em festivais de cinema, seja em mostras especiais ou com distribuição comercial. Isso vem acontecendo desde os curtas-metragens. Eles são filmes, efetivamente, brasileiros mas que têm encontrado diálogos muito fortes fora do Brasil. Como cinéfilo, cresci vendo o cinema de fora do Brasil — o cinema francês americano, alemão, australiano, indiano, canadense, mexicano e argentino.

Isso reflete na sua produção?

Acho que há uma compreensão, natural, que todo mundo tem. Quando você se expõe um a um ponto de vista que vem de fora, estrangeiro, ainda assim, há uma carga suficiente para você se apegue àquilo, para você entender, reagir. Mas é claro que, quando se vê um filme alemão, alguma coisa talvez se perca na tradução. Tenho tido muita sorte, né? Inclusive com a repercussão dos meus filmes e de O agente secreto não é diferente. Foi muito bem recebido fora do Brasil. Só agora ele será visto no Brasil. Mas é um filme já muito discutido, há muito já escrito sobre o filme. A reação foi muito forte ao filme na França, nos Estados Unidos, no Canadá, na Polônia e em Portugal. Acho que o filme que eu faço é um filme brasileiro. Sou brasileiro, e com obras faladas em português. Fico, na verdade, muito feliz e fascinado com a forma como os filmes, os livros, fazem parte da vida da gente, mesmo que nós não sejamos parte da cultura em que foram produzidos.

Com o filme, vai inflamar o Festival de Brasília?

Tenho lembranças muito fortes do Festival de Brasília. Eu fui na capital, muitos anos, como crítico. Depois, comecei como cineasta. Exibi Vinil verde na competição de curta-metragem; Noite de sexta, manhã de sábado e ainda Recife frio, em 2009, — que foi uma grande noite para mim, para Emilie Lesclaux (esposa e produtora de cinema) e para Juliano Dornelles (parceiro ainda em Bacurau). A gente fez aquele filme durante quase três anos. Lembro muito da exibição em Brasília de O som ao redor, em 2012. Para mim, é uma honra apresentar O agente secreto como filme de abertura do festival. E sim, espero que ele seja uma faísca para um grande festival.